

Livia Krassuski

A Estética do Tarô

O texto constitui parte da monografia, desenvolvida em 2005, durante o curso de pós-graduação em História da Arte da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo.

Contato com Livia Krassuski, a autora
<http://simbolostarot.blogspot.com>

CLUBE do TARÔ

Editoração: www.clubedotaro.com.br

A Ordem Hermética da Aurora Dourada

Os estudos modernos do tarô são um legado do final do séc. XIX, época em que as filosofias orientais, os estudos esotéricos e diversas correntes espiritualistas foram amplamente difundidos por todo o mundo ocidental, tendo expoentes como Helena P. Blavatsky (Teosofia) e Rudolph Steiner (Antroposofia), dentre outros. Muitos historiadores consideram o surpreendente florescimento do ocultismo desse período uma reação à industrialização e seu conseqüente materialismo, pois havia o temor de que a tecnologia mecanicista destruísse a individualidade; por outro lado, muitos acreditam que o interesse pelo esoterismo derive do contato com o Oriente, devido à presença britânica na Índia e do surgimento da Teosofia. De qualquer forma, é fato que poucos momentos da história ocidental trouxeram tantas mudanças na filosofia e no modo de vida da sociedade quanto a virada do séc. XIX para o XX; inúmeros ocultistas, eruditos, magos, leigos e oportunistas deixaram-nos teses e tratados não apenas sobre o tarô, como de todo o universo esotérico.

Nesse contexto surgiu a Ordem Hermética da Aurora Dourada (*Hermetic Order of The Golden Dawn*) (1888-1900). Foi criada na Inglaterra por William Wynn Westcott, S. L. MacGregor Mathers e W. R. Woodman. Esse grupo, herdeiro intelectual dos cabalistas da Renascença e dos rosa-cruzes barrocos, procurou coletar e sintetizar todo o arcabouço da tradição mística ocidental (Cabala, Hermetismo, Astrologia, Neoplatonismo, Magia Enoquiana de John Dee etc.) e **utilizava o tarô como magia em rituais iniciáticos**. Não se trata de mera coincidência, portanto, que os três baralhos mais importantes da era moderna, o *Baralho Rider-Waite*, de Arthur E. Waite, o *Tarô Thoth*, de Aleister Crowley e o *Tarô da Aurora Dourada*, criado por MacGregor Mathers, tenham sido produzidos por membros dessa confraria. **No desenho das cartas desses baralhos há uma simbologia alquímica oculta que relaciona os arcanos à Cabala e à astrologia.**

forças sociais que estavam produzindo o teatro moderno, para não falar na literatura, na arte e na música modernas. Essa foi a era de Ibsen, de Stravinsky, de Henri Bergson (irmão da sra. Mathers), de William Morris, de Oscar Wilde, de Rimbaud e de Verlaine, de Van Gogh e de Gauguin.

WANG (*opus cit*, pág. 16) tece ainda um comentário mais específico sobre a estética de Crowley, como sendo expressão da época em que viveu:

Creio que a história verá Crowley como um típico representante de início do século XX, uma época que aderiu à estética da *avant garde*: o novo e chocante era, por definição, melhor que o antigo. Esta idéia constitui a base de toda a arte, música e literatura modernas, para não falar nos padrões de comportamento da elite artística de Londres, Paris e Nova York durante as décadas de vinte e trinta. O comportamento de Crowley encaixa-se nesse padrão, tal como acontece com o próprio estilo de suas cartas, que são basicamente Cubistas – o mais importante e *avant garde* de todos os estilos de arte moderna durante a fase de seu apogeu.



Cartas do Tarô Thoth – A JUSTIÇA e Rainha de Ouros (Discos).

Mais bem-sucedido foi Arthur Edward Waite, que criou, em 1910, juntamente com a artista Pamela Colman Smith, o baralho de tarô mais popular da história, conhecido como *Rider-Waite* por causa de seu fabricante, William Rider & Son.

A grande inovação de Waite foi ter desenhado os arcanos menores de forma explicativa, imprimindo um significado mais específico a cartas que eram até então totalmente cifradas, sem nenhuma referência para interpretação (dois de gládios, três de taças, e assim por diante). Ao contrário de Mathers e Crowley, que enfatizaram o caráter esotérico e hermético do tarô, Waite concebeu seu baralho para uso prático, tornando-o mais acessível ao grande público. Exemplificando: a carta DEZ DE TAÇAS, usualmente, *significa grande sucesso no plano pessoal, felicidade, prosperidade*. No baralho de Marselha encontramos o desenho de dez taças perfiladas; no baralho de Crowley, as dez taças estão colocadas na posição das dez sephiroth da árvore da vida cabalística, irradiando luz de dentro delas; no baralho de Waite, as dez taças estão num arco-íris sobre um casal abraçado e crianças brincando, ou seja, uma cena do cotidiano que representa metaforicamente o significado oculto da carta.



Dez de Taças – baralhos de Marselha, Thoth e Rider-Waite.

O tarô Thoth

Foi concebido por Aleister Crowley e pintado por Lady Frieda Harris. O projeto iniciou-se em 1938 e concluído em 1943, mas teve de esperar 25 anos para ser publicado. A primeira edição em cores surgiu apenas em 1971. Desde a época de Eliphas Lévi todo o tarô tem sido também chamado de *Livro de Thoth*, por sua suposta origem egípcia. As chamadas cartas “Thoth” afastam-se completamente dos desenhos usuais do tarô, recorrendo, nas palavras da própria artista, a (HARRIS, apud WANG, 1998, págs. 34, 35)

...tradições derivadas de fontes tão diversas quanto maçons, alquimistas, magos, cabalistas, geômetras, gemátricos, matemáticos, simbolistas, adivinhos, numerologistas, druidas, espiritualistas, psicólogos, filologistas, budistas [sic], iogues, psicanalistas, astrólogos e, até mesmo, heraldistas, todos os quais deixaram sua marca nos símbolos utilizados. A partir dessas diversas fontes, nós nos esforçamos por recuperar as simples formas originais das cartas, além de indicarmos o Novo Eon de Hórus, uma aparição aterradora.

As cartas medem aproximadamente 7 x 10,8 cm (proporcionalmente mais largas que as de Marselha). Arbitrariamente, alguns arcanos receberam denominações distintas das tradicionais (A TEMPERANÇA foi alterada para ARTE, numa alusão à arte da Alquimia; A FORÇA para LUXÚRIA/ PRAZER (LUST); O JULGAMENTO para EON). A estrutura das cartas da corte também foi alterada neste baralho: o rei foi chamado cavaleiro; o cavaleiro, príncipe; o pajem, princesa. Apenas a rainha permaneceu em seu lugar³. Todos os 78 arcanos possuem uma legenda escrita que visa à síntese de sua significação. Nas cartas trunfo, ao lado do nome, tem-se a letra hebraica e o símbolo astrológico correspondente. Nas demais cartas, esses símbolos aparecem incorporados à composição. O naipe de moedas (ouros) é denominado DISCOS.

Considerando-se a época em que foi concebido, seu visual é arrojadíssimo. Além de conter todos os adereços e ornamentos

simbólicos acima descritos, as cartas estão repletas de alusões à magia e à sexualidade. As composições são extremamente dinâmicas, com figuras representadas sob diversos ângulos, enfatizando a tridimensionalidade; os desenhos estão repletos de diagonais, curvas, arcos, linhas cruzadas, espiraladas, formas orgânicas, imagens oníricas e padrões fantasia. Tratam-se de pinturas (e não de simples desenhos) profusamente coloridas, com dramáticos efeitos de iluminação e sombras. Algumas figuras são iluminadas de baixo para cima, como se estivessem sob luzes da ribalta. A carta QUATRO DE DISCOS (moedas), originalíssima, é a vista aérea de um forte com quatro torres. Provenientes de um imaginário fantástico, não é possível determinar uma época para os traços das figuras. A própria estética das cartas, com elementos ora *art-nouveau*, ora *art-déco*, com traços que vão do gótico ao egípcio, não é facilmente classificável, mas certamente não pode ser chamada de *cubista*, como sugeriu Robert Wang (vide citação na pág. 20 deste trabalho). Diríamos que se aproxima mais de um “ecletismo psicodélico”. Como obras de arte, poderiam situar-se dentro da escola simbolista, movimento que floresceu no final do séc. XIX, atravessando as primeiras décadas do séc. XX. Todas as lâminas possuem a mesma moldura em dois tons de cinza, com desenho decorativo que lembra a asa de uma borboleta e inscrições em preto. As pinturas aparentemente não estão assinadas. No verso das cartas há uma rosa-cruz pintada com as três cores primárias, branco e preto.

³ Outros baralhos que o sucederam, a exemplo do norte-americano contemporâneo *Cosmic*, seguem esta estrutura.



O tarô Rider-Waite

Criado por Arthur Edward Waite e desenhado, sob sua supervisão, por Pamela Colman Smith, foi editado pela primeira vez em Londres, em 1910, pela Rider & Co. As 78 cartas têm cerca de 7x12cm e os cantos arredondados. É considerado o primeiro baralho de tarô moderno; apresenta figuras simbólicas nas cartas numeradas que “explicam” o significado dos arcanos menores.

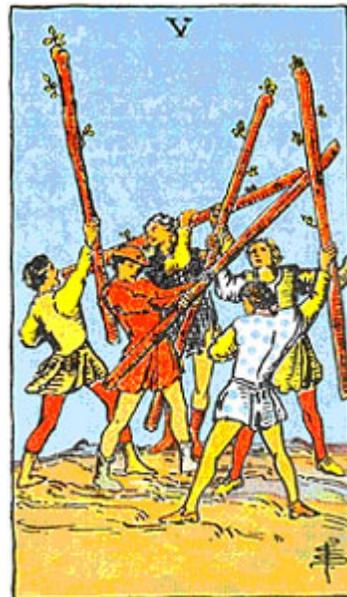
A estrutura pictórica dos arcanos maiores baseia-se no tarô de Marselha, porém as figuras situam-se dentro dos limites da moldura da carta. A perspectiva é correta, o fundo da maioria das cartas é azul claro, como o céu ao ar livre, mas às vezes amarelo ou cinza e, em alguns poucos casos, preto.

Alguns personagens (nos arcanos menores) são representados dentro de ambientes fechados. O traço de contorno dos desenhos (sempre preto) possui diferentes espessuras. Os desenhos possuem alguma modelação, não são tão chapados quanto os de Marselha, mas o uso das cores também é relativamente limitado, apesar de haver uma gama maior. As figuras são trajadas à moda medieval, à semelhança das cartas de Marselha, com algumas referências clássicas, a exemplo da coroa de louros, que aparece em diversas figuras. Ou seja: sob o ponto de vista da estética pictórica, foi buscada uma certa fidelidade em relação ao baralho-referência (Marselha); não houve uma atualização cultural para a época em que este baralho foi desenhado (1910).

Todas as cartas são assinadas no canto inferior direito com o monograma da artista, contendo suas iniciais P. C. S. Em seu verso há o desenho *tarotée* em azul e preto.



Tarô Thoth – A FORÇA (LUST), Dois de Ouros (Discos), Pajem (Princesa) de Espadas e A TEMPERANÇA (ART).



Tarô Rider-Waite – A TEMPERANÇA, Cinco de Paus e Oito de Espadas.

Referências Bibliográficas

CIRLOT, Juan-Eduardo, *Dicionário de Símbolos*. São Paulo, Moraes, 1984.

KAPLAN, Stuart R., *Tarô Clássico*. São Paulo, Pensamento-Cultrix, 1989.

NAIFF, Nei, *Tarô, Ocultismo & Modernidade – Estudos Completos do Tarô*, volume I. São Paulo, Elevação, 2002.

NICHOLS, Sallie, *Jung e o Tarô – Uma Jornada Arquetípica*. São Paulo, Cultrix, 1997.

PRAMAD, Veet, *Curso de Tarô e seu Uso Terapêutico*. São Paulo, Madras, 2004.

SHARMAN-BURKE, Juliet e GREENE, Liz, *O Tarô Mitológico*. São Paulo, Arx-Siciliano, 2004.

WANG, Robert, *O Tarô Cabalístico – Um Manual de Filosofia Mística*. São Paulo, Pensamento, 1998.

Bibliografia Complementar

BANZHAF, Hajo, *Manual do Tarô*. São Paulo, Pensamento, 1993.

CALDEIRA, Roberto, *O Caminho do Louco*. São Paulo, Edições Inteligentes, 2001.

CAMPBELL, Joseph, *O Poder do Mito*. São Paulo, Palas Athena, 1990.

DEE, Jonathan, *An Illustrated Guide to the Tarot*. Nova Iorque, D&S-Gramercy Books, 2001.

INTRODUÇÃO à Cabala, manual do curso introdutório ministrado pelo Centro de Estudos de Cabala, em S. Paulo – SP, organizado por Iracema Collesi, 2004.

JUNG, Carl Gustav, *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

MARTINS, Vera, *Tarô de Marselha – Espelho Meu*. São Paulo, Madras, [entre 1990-2000]

MEDITAÇÕES sobre os 22 Arcanos Maiores do Tarô (autor anônimo), São Paulo, Paulus, 1989.

OSBOURNE, Harold, *Estética e Teoria da Arte*. São Paulo, Cultrix, 1974.

ROOB, Alexander, *Alquimia e Misticismo – O Museu Hermético*. Köln, Taschen, 1997.

Consultas na internet

COLQUHOUN, Ithel. – Arthur Edward Waite. Disponível em <http://www.kheper.net/topics/Hermetism/Waite.html>. Acesso em 20.04.2005.

SCHMID, Giancarlo Kind – Guia de Tarô. Disponível em <http://www.sobresites.com/taro/>. Acesso em 20.07.2005.

Tarot Decks Review and Scans. Disponível em <http://www.angelfire.com>. Acesso em 22.07.2005

The Thoth Tarot Deck. Disponível em <http://www.angelfire.com/ct2/CelestialRealm/toth/tarot.html>. Acesso em julho de 2005.

Entrevistas com os tarólogos:

CALDEIRA, Roberto

CAMACHO, José Luís Pires

GRISOLIA, Ana Paula

MAZZIERO, Kelma

PEGGION, Nívia

RIEMMA, Constantino K.